

# Brief Aggression Questionnaire: Evidências Psicométricas e Relações com os Cinco Grandes Fatores e a Tríade Sombria

## Brief Aggression Questionnaire: Psychometric evidences and relations with Big-5 and Dark-3

Renan P. Monteiro<sup>1</sup>, Gabriel Lins de Holanda Coelho<sup>2</sup>, Tatiana Medeiros Costa Monteiro<sup>3</sup>,  
Emerson Diógenes de Medeiros<sup>4</sup> e Carlos Eduardo Pimentel<sup>5</sup>

### Resumo

O presente artigo (N=393) objetivou verificar a dimensionalidade, fidedignidade, dificuldade e discriminação dos itens da *Brief Aggression Questionnaire* (BAQ), além de conhecer a relação com traços gerais e sombrios da personalidade. O modelo bifator foi o mais adequado (CFI=.98 e TLI=.98), tendo fidedignidade aceitável e itens de difícil concordância e com discriminação entre moderada e muito alta. Observou-se, ainda, que os quatro fatores da BAQ apresentaram correlações consistentes com as dimensões neuroticismo e amabilidade do modelo dos Cinco Grandes Fatores e com psicopatia, maquiavelismo e narcisismo, reforçando a validade da medida baseada nas correlações com variáveis externas. Conclui-se que o presente estudo contribui disponibilizando uma medida de agressão curta, válida e precisa para ser utilizada em contexto brasileiro, além de replicar e estender estudos prévios sobre a relação entre personalidade e agressão.

**Palavras-chave:** agressão, neuroticismo, narcisismo, validade, precisão

### Abstract

The present research (N=393) aimed to verify the dimensionality and reliability of the Brief Aggression Questionnaire (BAQ), its items' difficulty and discrimination levels, and explore the relations with general and dark personality traits. The bifactorial model was the most adequate (CFI=.98, TLI=.98), presenting acceptable reliability, besides items with a difficult endorsement level and moderate to very high discrimination. We also found that the four BAQ factors consistently correlated with neuroticism and agreeableness traits. They were also related to psychopathy, Machiavellianism and narcissism, reinforcing the validity of the measure based on correlations with external variables. In conclusion, the present research contributes by providing a short, valid and accurate measure of aggression to the Brazilian context, in addition to replicating and extending previous studies on the relations between personality and aggression.

**Keywords:** aggression, neuroticism, narcissism, validity, reliability

<sup>1</sup>Doutor em Psicologia Social. Docente da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Departamento de Psicopedagogia. Campus I Lot. Cidade Universitária, PB, 58051-900 João Pessoa, Brasil. E-mail: renanpmonteiro@gmail.com

<sup>2</sup>Doutor em Psicologia. Pesquisador de Pós-Doutorado na University College Cork, Irlanda.

<sup>3</sup>Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Brasil

<sup>4</sup>Doutor em Psicologia Social. Docente da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, Brasil.

<sup>5</sup>Doutor em Psicologia Social. Docente da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.

## Introdução

A agressão pode ser caracterizada como uma ação dirigida a outrem com intenção de causar dano imediato (Anderson & Huesmann, 2003), podendo resultar em uma série de prejuízos físicos e emocionais às vítimas. Por exemplo, crianças que sofrem agressões de seus pares apresentam mais sintomas de depressão e ansiedade (Monteiro et al., 2020; Monteiro et al., 2022). Logo, a agressão tem despertado a atenção de pesquisadores que tem se detido, por exemplo, na mensuração da agressividade (e.g., Buss & Perry, 1992; Bustamante et al., 2016; Monteiro et al., 2019) e na busca por seus correlatos (e.g., Dinić & Wertag, 2018; Knight et al., 2018).

Apesar da recente ênfase nas pesquisas, as tentativas em compreender as bases deste fenômeno não são recentes (ver Anderson & Bushman, 2002). Um dos modelos pioneiros para o entendimento deste comportamento foi proposto por Dollard et al. (1939), conhecido como hipótese de frustração-agressão. Ao longo dos anos, novos modelos teóricos surgiram, auxiliando no entendimento do comportamento agressivo, tais como o modelo da aprendizagem social (Bandura, 1978), o modelo neo-associacionista cognitivo (Berkowitz, 1989), a teoria do processamento da informação (Dodge, 1980), a teoria do script (Huesmann, 1986) e o modelo geral da agressão (Anderson & Bushman, 2002). Portanto, observam-se diversas perspectivas teóricas para o estudo da agressão, variando desde abordagens psicanalíticas até aquelas baseadas em teorias da aprendizagem (Björkly, 2006). Ademais, cabe ressaltar a pluralidade metodológica nos estudos sobre agressão, com estudos experimentais (Warburton & Bushman, 2019), observacionais (Harrell, 1980) e pesquisas de levantamento (García-Batista et al., 2022), além dos diversos instrumentos para medir o construto (e.g., Buss & Perry, 1992; Cruz et al., 2019).

Contudo, apesar da relevância do tema, dentro da psicologia e áreas relacionadas, além da agressão ser um problema relevante no Brasil – em 2019 houve 45.503 homicídios no Brasil, o que dá uma proporção de 21,7 mortes por 100 mil habitantes (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2021) – percebe-se relativa escassez de estudos que buscam predizer o comportamento

agressivo. A pesquisa nacional tem se detido mais em mapear o número de episódios agressivos do que propriamente conhecer variáveis psicológicas que possam predizer a agressão. Ademais, verifica-se também a escassez de estudos psicométricos que objetivam identificar evidências de validade e precisão de instrumentos que avaliam a agressividade neste contexto.

A propósito do anteriormente comentado, a literatura internacional tem proposto medidas curtas e eficazes para estimar o nível de agressividade das pessoas. Disponibilizar uma medida com tais características poderia fomentar e facilitar pesquisas sobre agressão no Brasil, viabilizando coletas em contextos em que se demanda pouco tempo para aplicação, possibilitando a inclusão de uma série de potenciais variáveis preditoras, sem que isso prolongue demasiadamente a coleta dos dados e possa causar fadiga e desistência dos participantes (Monteiro et al., 2022). Considerando tais aspectos, o presente estudo contribui com a adaptação da *Brief Aggression Questionnaire* (BAQ; Webster et al., 2014), uma medida de apenas doze itens, que avalia o traço agressão, composto por diferenças individuais em pensamentos (hostilidade), emoção (raiva) e comportamento (agressão física e verbal; Webster et al., 2015).

### Brief Aggression Questionnaire

A medida objeto de análise do presente artigo é uma versão reduzida do Questionário de Agressão de Buss-Perry (QABP; Buss & Perry, 1992). A versão inicial do QABP foi formada por um conjunto de 52 itens, destinados a avaliar seis dimensões da agressividade. Para a retenção dos itens, Buss e Perry (1992) consideraram aqueles com cargas fatoriais acima de  $|.35|$  em três amostras distintas e que não saturassem acima desse ponto de corte em mais de um fator, restando 29 itens que se distribuem em quatro fatores (i.e., agressão física, verbal, raiva e hostilidade). Esta versão segue sendo muito popular e utilizada para operacionalizar a agressão (García-Batista et al., 2022).

Tal versão foi adaptada para o Brasil por Gouveia et al. (2008) que verificaram ajustes adequados para um modelo com quatro fatores interrelacionados e para um modelo com os quatro fatores de primeira ordem e um fator geral de segunda ordem. Mesmo sendo uma das medidas

mais conhecidas e aceitas para operacionalizar a agressão, 15 anos se passaram do estudo de Gouveia et al. (2008) e nenhum outro estudo demonstrou novas evidências acerca do QABP no Brasil. Ademais, versões curtas desta tradicional medida têm sido propostas e pouco estudadas em relação aos seus parâmetros psicométricos no contexto brasileiro.

Bryant e Smith (2001) propuseram uma versão reduzida do QABP formada por 12 itens, sendo que a estrutura fatorial desta medida foi replicada por outros autores (e.g., Diamond & Magaletta, 2006; Gerevich et al., 2007), inclusive em contexto brasileiro (Paiva et al., 2020). Apesar da utilidade desta versão reduzida, Webster et al. (2014) listam algumas críticas para justificar a construção de uma nova versão concisa do QABP. Estes autores pontuam o número relativamente pequeno de participantes (N=307) utilizados por Bryant e Smith (2001) para selecionar os doze itens de sua versão reduzida, criticando também a opção por não selecionar itens invertidos, que podem auxiliar na redução de vieses (e.g., aquiescência).

Para superar tais limitações, Webster et al. (2014) propuseram a *Brief Aggression Questionnaire* (BAQ). Para tanto, analisaram as cargas fatoriais (N=1.253) do estudo inicial de Buss e Perry (1992), selecionando os três itens com as maiores cargas fatoriais. Dos 12 itens selecionados, apenas seis estão presentes na versão de Bryant e Smith (2001). Dos demais seis itens distintos, os que foram selecionados por Webster et al. (2014) apresentam maior validade de face. Por exemplo, o item do fator agressão física da BAQ “*Se eu tiver que partir para a violência para proteger os meus direitos, eu o farei*” apresenta maior validade de face do que o item “*Eu tenho ameaçado pessoas que eu conheço*”, este último, presente no respectivo fator da medida de Bryant e Smith (2001). Analisando os conteúdos supracitados, percebe-se, claramente, que uma ameaça não é uma agressão física.

Empiricamente, a BAQ também tem apresentado ligeiras vantagens em relação à proposta de Bryant e Smith (2001), a exemplo de validade convergente e discriminante mais favoráveis, replicação da estrutura de quatro fatores (maiores autovalores), índices aceitáveis para o modelo de quatro fatores de primeira ordem e para o modelo hierárquico (quatro fatores de

primeira ordem e um fator geral de segunda ordem), além de estrutura equivalente para ambos os sexos e estabilidade temporal no intervalo de três semanas mais fortes para a BAQ (Webster et al., 2014). Estes autores também reuniram evidências a partir da Teoria de Resposta ao Item (TRI), observando evidências em torno da discriminação e dificuldade dos itens, estes considerados difíceis, talvez em função da natureza aversiva do construto. Por fim, Webster et al. (2014) verificaram que a subescala relativa à agressão física prediz o comportamento agressivo em uma tarefa experimental.

Noutra oportunidade, Webster et al. (2015) reuniram novas evidências em torno da BAQ, verificando a replicabilidade da estrutura de quatro fatores, que se mostrou consistente no teste-reteste [intervalo de 12 semanas (.68 e .80)]. Ademais, foi verificado validade convergente da BAQ com a *Displaced Aggression Questionnaire*, sendo a correlação dos escores totais das duas medidas de 0,68, além da subescala de raiva explicar 34% da variância do escore total da *Trait Anger Scale*.

O conjunto de evidências empíricas indica que a BAQ pode ser uma alternativa útil para fins de pesquisa, sobretudo em contextos onde se demanda rápida coleta de dados e o uso de múltiplas medidas, pois cobre diferentes aspectos da agressão (Webster et al., 2014; 2015). Logo, o presente estudo busca adaptar para o contexto brasileiro a *Brief Aggression Questionnaire*, testando modelos fatoriais que têm sido reportados pela literatura, avaliando a consistência interna de seus fatores e estimando os parâmetros individuais dos itens. Ademais, como forma de explorar a validade convergente desta medida, optou-se por conhecer as correlações que ela possui com os Cinco Grandes Fatores (i.e., abertura, conscienciosidade, extroversão, amabilidade e neuroticismo) e com a Tríade Sombria da personalidade (i.e., maquiavelismo, psicopatia e narcisismo). Concretamente, pautado em estudos prévios, espera-se que os escores na medida de agressão se correlacionem positivamente com aqueles de neuroticismo e negativamente com amabilidade e conscienciosidade (Cavalcanti & Pimentel, 2016; Hosie et al., 2013; Paulhus et al., 2018). Por outro lado, espera-se que psicopatia, maquiavelismo e narcisismo se correlacionem positivamente com os escores na BAQ e seus fatores específicos (Paulhus et al., 2018).

## Método

### Participantes e procedimento

Participaram 393 pessoas ( $M_{idade}=29.6$ ;  $DP_{idade}=10.04$ ), sendo a maioria mulheres (60.5%), pessoas solteiras (63.8%) que se autodeclararam de classe média (61.8%) e que indicaram ter ensino superior incompleto (39.6%). Os dados foram coletados por meio de um questionário online divulgado nas redes sociais, seguindo o procedimento bola de neve. No caso os pesquisadores divulgaram a pesquisa em suas redes sociais solicitando a colaboração das pessoas e que essas divulgassem entre seus contatos fazendo o mesmo apelo. Prévio ao preenchimento dos questionários, o participante se deparava com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo informações sobre o caráter anônimo e voluntário da participação, após lerem e concordarem, passavam a responder os instrumentos. Destaca-se que foram seguidos os preceitos éticos para pesquisas com seres humanos, tendo o estudo parecer favorável do comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal da Paraíba (CAAE 27743214.1.0000.5188).

### Instrumentos

A Brief Aggression Questionnaire (BAQ) foi proposta por Webster et al. (2014), sendo uma medida composta por 12 itens, distribuídos equitativamente em quatro fatores. Os participantes são orientados a indicar o quanto concordam (1 – *Discordo Totalmente*; 5 – *Concordo Totalmente*) com afirmações como “Se uma pessoa me provocar o suficiente, eu posso chegar a agredi-la” (Agressão Física), “Quando as pessoas me irritam, posso chegar a dizer a elas o que penso sobre elas” (Agressão Verbal), “Às vezes me descontrolo sem uma boa razão” (Raiva) e “Às vezes eu sinto que as pessoas estão zombando de mim pelas costas” (Hostilidade). A versão longa desta medida já foi adaptada para o contexto brasileiro (Gouveia et al., 2008), portanto, não foi necessário efetuar a tradução dos itens para o português, de modo que aqueles que formam a BAQ foram selecionados do estudo de adaptação levado a cabo por Gouveia et al. Cabe ressaltar que a BAQ tem apresentado evidências de validade (baseada na estrutura interna e em correlações com variáveis externas) e precisão (e.g., alfa de Cronbach, teste-reteste)

satisfatórias (Webster et al., 2014; Webster et al., 2015).

A versão brasileira (Pimentel et al., 2014) do *Ten-Item Personality Inventory* (Gosling et al., 2003) foi utilizado para operacionalizar os Cinco Grandes Fatores. Esta medida é formada por 10 itens, sendo 2 para cada dimensão da personalidade. Considerando a seguinte frase estímulo “*Eu me vejo como alguém...*”, os participantes indicavam o seu nível de concordância (1 – *Discordo Fortemente*; 7 – *Concordo Fortemente*) a itens como “Extrovertido, entusiasta” (Extroversão), “Simpático, acolhedor” (Amabilidade), “Confiável, autodisciplinado” (Conscienciosidade), “Ansioso, que se chateia facilmente” (Neuroticismo) e “Aberto a novas experiências, complexo” (Abertura). A TIPI é um instrumento que conta com apenas dois itens por fator, não sendo recomendado o cálculo do alfa de Cronbach para aferir a sua precisão. Gosling et al. (2003) indicam que a melhor alternativa para avaliar a precisão desta medida é por meio do teste-reteste, contudo, o presente estudo é transversal, inviabilizando o cálculo da estabilidade temporal. Entretanto, estudos prévios verificaram valores que atestam a precisão deste parâmetro da TIPI ( $rs > .70$ ; Nunes et al., 2018).

Para estimar a Tríade Sombria, utilizou-se da versão brasileira (Gouveia et al., 2016) do *Dirty Dozen* (Jonason & Webster, 2010). Esta medida é formada por 12 itens, quatro por dimensão, sendo os participantes orientados a indicar o seu grau de concordância (1 – *Discordo Fortemente*; 5 – *Concordo Fortemente*) a afirmações como “Costumo manipular os outros para conseguir o que quero” (Maquiavelismo), “Costumo ser insensível ou indiferente” (Psicopatia) e “Tendo a querer que os outros me admirem” (Narcisismo). No presente estudo, verificaram-se coeficientes adequados de consistência interna: maquiavelismo ( $\alpha=.73$ ), psicopatia ( $\alpha=.75$ ) e narcisismo ( $\alpha=.87$ ).

### Análise de Dados

Os dados foram analisados no SPSS, AMOS e R. O primeiro foi utilizado para calcular estatísticas descritivas, objetivando caracterizar a amostra, além de se calcular o coeficiente alfa e a média de correlações inter-itens e o padrão de correlações entre os fatores da BAQ e os fatores da TIPI e Dirty Dozen. O AMOS foi empregado para testar o ajuste

de diferentes modelos fatoriais (unifatorial, com quatro fatores oblíquos, hierárquico e bifatorial), tendo em conta os seguintes indicadores de ajuste aos dados: Razão Qui-quadrado por graus de liberdade ( $\chi^2/\text{gl}$ ), *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI) e *Root Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA). Para ser considerado aceitável, o modelo deve ter valores de  $\chi^2/\text{gl}$  entre 1 e 3, CFI e TLI acima de .90, de preferência acima de .95, e o RMSEA abaixo de .08 (Brown, 2006; Kline, 2016). Por fim, o R, especificamente o pacote MIRT (Chalmers, 2012), foi utilizado para calcular os parâmetros individuais dos itens (dificuldade e discriminação), utilizando o Modelo de Resposta Graduada (Samejima, 1969). A discriminação se refere a capacidade do item diferenciar participantes com magnitudes próximas no traço latente, enquanto a dificuldade se refere ao nível de traço latente que se exige para que se passe de uma opção de resposta para outra em determinado item.

## Resultados

Por meio de Análises Fatoriais Confirmatórias (*Maximum Likelihood*), testaram-se diferentes modelos para a BAQ (Tabela 1). O modelo que apresentou um ajuste excelente foi o bifatorial ( $M_4$ ) ( $\chi^2/\text{gl}=1.49$ ; CFI=.98; TLI=.98; RMSEA=.03), no qual os itens são explicados tanto por um fator geral (agressividade), quanto por seus fatores específicos (agressão física, verbal, raiva e hostilidade). Cabe ressaltar que os modelos com quatro fatores oblíquos ( $M_2$ ) ( $\chi^2/\text{gl}=1.85$ ; CFI=.95; TLI=.94; RMSEA=.05) e o hierárquico ( $M_3$ ) ( $\chi^2/\text{gl}=1.94$ ; CFI=.95; TLI=.93; RMSEA=.05), apresentaram um ajuste aceitável.

Especificamente, tendo em vista o modelo que apresentou o melhor ajuste (bifator), verificou-se para o fator Agressão Verbal uma média dos valores do Lambda de .48 ( $DP=.11$ ), variando de .39 (*Item 3*) a .62 (*Item 1*). Para o fator Agressão Física, observou-se um valor médio do Lambda de .36 ( $DP=.18$ ), variando de .24 (*Item 10*) a .58 (*Item 2*). No caso do fator Raiva, o valor médio do Lambda foi de .50 ( $DP=.08$ ), variando de .44 (*Item 4*) a .59 (*Item 7*). Por fim, considerando o fator Hostilidade, checkou-se um valor médio do Lambda de .52 ( $DP=.16$ ), indo de .34 (*Item 8*) a .66 (*Item 12*). Considerando o fator geral, observaram-se

cargas fatoriais variando entre .14 (*Item 5*) a .58 (*Itens 3, 6 e 10*), com média de .42 ( $DP=.15$ ). Ressalta-se que todas as cargas fatoriais foram estatisticamente significativas e diferentes de zero ( $\lambda \neq 0$ ;  $z > 1.96$ ,  $p < .05$ ; Tabela 2).

Conhecida a pertinência do modelo bifator, é possível observar na Tabela 2 os valores relativos à consistência interna da BAQ, sendo que o alfa de Cronbach variou de .58 (Agressão Verbal) a .72 (Raiva). Considerando a sensibilidade do alfa ao número de itens, recorreu-se a média de correlações inter-itens, que mostrou a consistência interna dos fatores, variando de .32 (Agressão Verbal) a .46 (Raiva). Para o conjunto total de itens, observou-se um valor do alfa de Cronbach de .77.

O passo seguinte foi estimar os parâmetros de dificuldade e discriminação da BAQ (Tabela 2), além de verificar a informação psicométrica das subescalas (Figura 1). Nesta direção, por meio do Modelo de Resposta Graduada, foi possível observar que 50% dos itens apresentaram discriminação muito alta ( $a > 1.70$ ; itens 1, 2, 6, 7, 11 e 12), cerca de 30% apresentaram discriminação moderada ( $a$  entre .65 e 1.34; itens 3, 4, 5 e 8) e cerca de 15% dos itens tiveram discriminação alta ( $a$  entre 1.35 e 1.69; itens 9 e 10; Baker, 2001). Em relação à dificuldade, os itens referentes à agressão verbal foram os que demandaram menor nível de agressividade para haver concordância total com o conteúdo do item ( $b_4$  média=1.48), sendo o item 1 o mais fácil ( $b_4=.73$ ) e o item 5 o mais difícil ( $b_4=1.93$ ); por outro lado, aqueles referentes à agressão física foram os que exigiram maior nível de agressividade para haver concordância total ( $b_4$  média=2.36), sendo o item 10 o mais fácil ( $b_4=2.23$ ) e o item 9 o mais difícil ( $b_4=2.45$ ). Inspecionando as curvas de informação dos fatores (Figura 1), é possível corroborar a informação prévia, sendo o fator agressão verbal mais preciso na avaliação da faixa moderada e baixa de traço latente, ao passo que raiva, hostilidade e agressão física avaliam com maior precisão pessoas com moderado e alto traço latente.

Reunidas evidências em torno da estrutura fatorial, consistência interna, dificuldade e discriminação dos itens, além da informação psicométrica das subescalas, o último passo foi explorar as relações da BAQ com os Cinco Grandes Fatores da personalidade e com a Tríade Sombria (Tabela 3). Concretamente, destaca-se

Tabela 1. Modelos fatoriais testados para a BAQ

Modelos	$\chi^2(gl)$	$\chi^2/gl$	CFI	RMSEA	TLI
M <sub>1</sub>	357.09 (54)	6.61	.69	.12	.62
M <sub>2</sub>	89.08 (48)	1.85	.96	.05	.94
M <sub>3</sub>	97.18 (50)	1.94	.95	.05	.93
M <sub>4</sub>	62.79 (42)	1.49	.98	.03	.98

Nota. \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$ . Modelos fatoriais: M<sub>1</sub>=unifatorial, M<sub>2</sub>=tetrafatorial, M<sub>3</sub>=hierárquico e M<sub>4</sub>=bifatorial.

Tabela 2. Parâmetros individuais dos itens da BAQ

Item	<i>a</i>	<i>b</i> <sub>1</sub>	<i>b</i> <sub>2</sub>	<i>b</i> <sub>3</sub>	<i>b</i> <sub>4</sub>	$\lambda_{\text{Especifico}}$	$\lambda_{\text{Geral}}$
Agressão Verbal ( $\alpha=.58$ ; $r_{m,i}=.32$ )							
Item 1	1.87	-2.49	-1.29	-.84	.73	.62	.24
Item 3	1.30	-2.02	-.77	.00	1.79	.39	.58
Item 5	1.04	-2.66	-1.59	.13	1.93	.45	.14
Agressão Física ( $\alpha = 0.67$ ; $r_{m,i}=.41$ )							
Item 2	2.42	.14	.74	1.23	2.40	.58	.53
Item 9	1.44	-.40	.51	1.25	2.45	.27	.50
Item 10	1.56	-.61	.48	.87	2.23	.24	.58
Raiva ( $\alpha=.72$ ; $r_{m,i}=.46$ )							
Item 4	1.18	-1.83	-.20	.62	2.24	.44	.28
Item 6	2.20	-.39	.43	1.00	2.47	.47	.54
Item 7	3.29	-.50	.40	.88	1.87	.59	.58
Hostilidade ( $\alpha=.67$ ; $r_{m,i}=.40$ )							
Item 8	1.08	-1.88	-.60	.22	1.94	.34	.42
Item 11	1.72	-.51	.22	1.03	2.13	.56	.31
Item 12	2.37	-.68	-.06	.52	1.63	.66	.40

Nota. *a*=discriminação dos itens, *b*<sub>1</sub> a *b*<sub>4</sub>=dificuldade dos itens,  $\lambda_{\text{Especifico}}$ =Cargas fatoriais dos itens em seus fatores específicos,  $\lambda_{\text{Geral}}$ =Cargas fatoriais dos itens em um fator geral de agressividade.

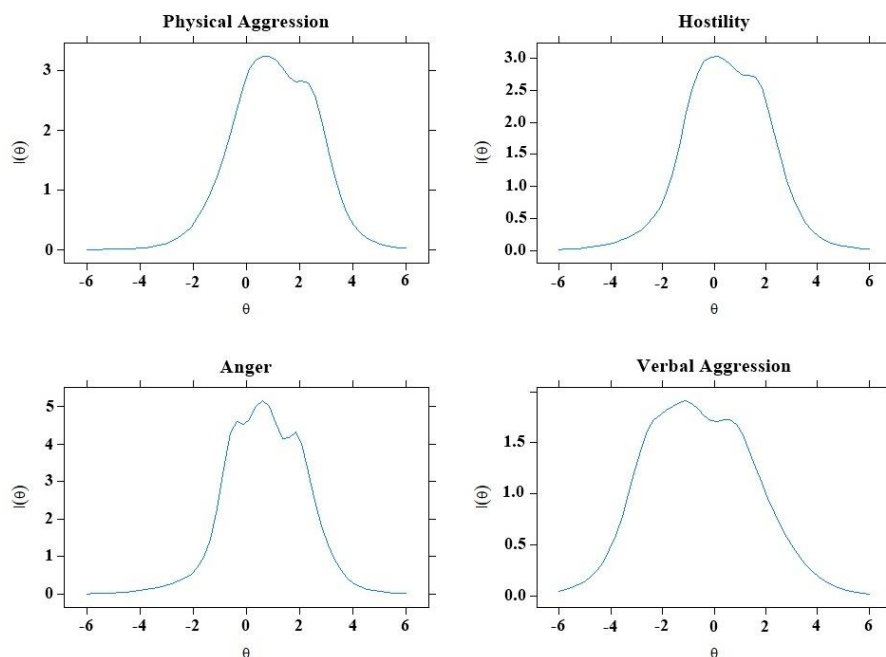


Figura 1. Curvas de Informação dos fatores da BAQ

que os quatro fatores da BAQ tiveram correlações negativas com amabilidade e positivas com neuroticismo, psicopatia, narcisismo e maquiavelismo.

Analisando especificamente, as correlações mais consistentes ( $r > .30$ ) foram aquelas que a agressão física obteve com neuroticismo ( $r=.31$ ,  $p < .001$ ), maquiavelismo ( $r=.33$ ,  $p < .001$ ) e psicopatia ( $r=.35$ ,  $p < .001$ ); cabe ressaltar, também,

as correlações entre o fator raiva com amabilidade ( $r=-.40$ ,  $p < .001$ ), neuroticismo ( $r=.60$ ,  $p < .001$ ), maquiavelismo ( $r=.31$ ,  $p < .001$ ) e narcisismo ( $r=.32$ ,  $p < .001$ ); já as correlações mais fortes envolvendo o fator hostilidade foram aquelas com o neuroticismo ( $r=.34$ ,  $p < .001$ ) e maquiavelismo ( $r=.31$ ,  $p < .001$ ). Por fim, o escore total da BAQ, se correlacionou de forma mais consistente com amabilidade ( $r=-.37$ ,  $p < .001$ ), neuroticismo ( $r=.50$ ,

Tabela 3. Padrão de correlações entre a BAQ, Cinco Grandes Fatores e Tríade Sombria

	Agressão Verbal	Agressão Física	Raiva	Hostilidade	Agressão Total
Extroversão	.22**	.09*	.17**	-.08	.13**
Amabilidade	-.17**	-.25**	-.40**	-.18**	-.37**
Conscienciosidade	.07	-.12**	-.12*	-.21**	-.15**
Neuroticismo	.08*	.31**	.60**	.34**	.50**
Abertura	.16**	-.03	-.05	-.17**	-.05
Maquiavelismo	.11*	.33**	.31**	.31**	.39**
Psicopatia	.14**	.35**	.22**	.28**	.37**
Narcisismo	.15**	.28**	.32**	.28**	.37**

Nota. \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$ .

$p < .001$ ), maquiavelismo ( $r = .39$ ,  $p < .001$ ), psicopatia ( $r = .37$ ,  $p < .001$ ) e narcisismo ( $r = .37$ ,  $p < .001$ ).

## Discussão

Apesar dos graves problemas associados à agressão, verifica-se uma relativa escassez de estudos psicométricos sobre o tema no Brasil. A propósito, no contexto brasileiro encontram-se poucos estudos que exploram as propriedades psicométricas de instrumentos para medir a agressão (Gouveia et al., 2008; Paiva et al., 2020). Considerando o quadro prévio e a necessidade de instrumentos curtos e eficazes que possam facilitar o estudo da agressão, o presente estudo reuniu evidências psicométricas em torno da Brief Aggression Questionnaire (Webster et al., 2014).

Os resultados apontam para a adequação do modelo bifatorial, em que os itens são explicados tanto por seus fatores específicos, quanto por um fator geral. Este modelo apresentou os indicadores de ajuste mais favoráveis (e.g., Brown, 2016; Kline, 2016). Ademais, os resultados encontrados nesta ocasião foram mais promissores que aqueles descritos por Webster et al. (2014; 2015), tendo o modelo um ajuste mais adequado, demonstrando a possibilidade de usar o modelo bifator para compreender o construto, no qual os itens são explicados tanto por um fator geral como por seus fatores específicos.

Em relação à consistência interna, quando estimada por meio do alfa de Cronbach, os valores foram abaixo do recomendado pela literatura, exceto para o fator raiva (Urbina, 2007). Não obstante, tal estratégia é sensível ao número de itens do fator, sendo que quanto mais itens, maior o valor do alfa, portanto, tendo em conta os valores das correlações inter-itens, verificam-se resultados dentro dos padrões indicados pela literatura, assegurando este parâmetro psicométrico da BAQ ( $r_{m,i} > .30$ ; Clark & Watson, 1995).

O presente estudo avança no sentido de explorar os parâmetros individuais dos itens por meio da TRI, algo que ainda não foi feito com a versão longa e reduzida do questionário em contexto brasileiro (Gouveia et al., 2008; Paiva et al., 2020). Os resultados indicam que os fatores conseguem discriminar as pessoas ao longo do traço latente avaliado, sendo que os itens, no geral, apresentaram valores muito altos para este parâmetro (Baker, 2001), algo semelhante aos resultados reportados por Webster et al. (2014). Sobre a dificuldade, os itens do fator Agressão Verbal foram os que demandaram um menor nível de agressividade para haver concordância total. Nesta direção, percebe-se que a agressão verbal é uma das formas mais comuns de expressar o traço agressão. A propósito, as maiores médias que as pessoas atribuem a este fator em outros estudos com amostras superior a mil participantes (Webster et al., 2014; 2015) reforça os achados aqui descritos. Inspeccionando a curva de informação desta dimensão, observa-se que os seus itens são mais precisos para avaliar pessoas que se situam na faixa moderada e baixa do traço latente. Apesar de ser uma forma comum, há que se pontuar a ausência de itens mais difíceis para esta dimensão, que avaliem expressões extremas da agressão verbal.

Os outros fatores foram algo mais difíceis, sobretudo agressão física, tida como uma forma mais extrema de expressar o traço agressão. Nesta direção, apenas aqueles com elevado nível de traço latente praticariam a agressão física ou concordariam completamente com o conteúdo de seus itens. As curvas de informação uma vez mais auxiliam na verificação de qual faixa do traço ser avaliada com maior precisão, sendo que raiva, agressão física e hostilidade avaliam de forma mais acurada aqueles com níveis de theta entre moderado e alto. Os resultados ora reportados vão na mesma direção daqueles apresentados por

Webster et al. (2014) que justificam a dificuldade na concordância aos itens em razão da natureza socialmente aversiva da agressão.

No que tange ao padrão de correlações, estes foram em linha com o disposto na literatura. Por exemplo, as relações mais consistentes da BAQ e seus fatores foram com os traços amabilidade e neuroticismo, tidos como os mais importantes preditores da agressão no modelo CGF (Sharp & Desay, 2001). Chester e West (2020) indicam que a agressividade é uma faceta do antagonismo (polo oposto da amabilidade), descrevendo pessoas que tendem a apresentar uma abordagem insensível, arrogante e desconfiada nas interações sociais, o que explicaria o fato de o antagonismo explicar a agressividade. No caso do neuroticismo, pessoas com maior instabilidade emocional tendem a ter mais emoções agressivas, o que as levaria a ter mais comportamento agressivo (Cavalcanti & Pimentel, 2016). Nesta direção, replicaram-se os achados de estudos prévios (Barlett & Anderson, 2012; Cavalcanti & Pimentel, 2016). Ademais, os efeitos que o neuroticismo possui sobre emoções e cognições agressivas indicam que a instabilidade emocional é um aspecto subjacente do traço agressão (Tremblay & Ewart, 2005).

Em relação à Tríade Sombria da personalidade, psicopatia, maquiavelismo e narcisismo se relacionaram de forma consistente com as quatro dimensões da escala de agressão. Maquiavelismo e psicopatia (díade sombria) são os mais fortes preditores da violência (Pailing et al., 2014), uma variação mais extrema da agressão. Ademais, narcisistas são agressivos ao terem o ego ameaçado e psicopatas o fazem ao serem ameaçados fisicamente (Jones & Paulhus, 2010). Portanto, o padrão de correlações entre a Tríade Sombria e os fatores da escala de agressão são congruentes com estudos prévios, reforçando a validade convergente da medida.

Verifica-se que a Brief Aggression Questionnaire recebeu suporte empírico, reforçando o modelo do traço agressão composto por tendências para a agressão física, agressão verbal, raiva e hostilidade (Webster et al., 2014). Este modelo cobre os componentes comportamentais, emocionais e cognitivos da agressão que, conjuntamente, refletem o nível geral de agressividade das pessoas (Chester & West, 2020), endossado pelos resultados adequados para o modelo bifator.

Apesar dos resultados promissores, destacam-se potenciais limitações do estudo, levando a interpretação dos resultados com ressalvas. Um primeiro ponto se refere a natureza da amostra não probabilística, o que impossibilita a generalização dos resultados para além da amostra utilizada. Um segundo ponto se refere a natureza aversiva dos construtos avaliados (agressão e personalidade sombria), o que pode ter levado os participantes a fazer estimativas que subestimem seus aspectos psicológicos mais aversivos. Nesta direção, em possibilidades futuras demanda-se o controle de tais vieses, sendo possível, inclusive, proceder com a construção de escalas neutralizadas para avaliação da agressividade. Apesar das limitações, o presente estudo contribui com a disponibilização de uma medida curta e eficaz para avaliação da agressão, além de replicar e estender os padrões de relação entre agressão e traços de personalidade.

## Referências

- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, *53*, 27-51.  
<https://doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135231>
- Anderson, C. A., & Huesmann, L. R. (2003). Human aggression: A social-cognitive view. Em M. A. Hogg & J. Cooper (Eds.), *Handbook of Social Psychology* (pp. 296-323). Sage Publications.
- Baker, F. B. (2001). *The basics of item response theory*. Washington, DC: ERIC Clearinghouse on Assessment and Evaluation.
- Bandura, A. (1978). Social learning theory of aggression. *Journal of Communication*, *28*, 12-29.
- Barlett, C. P., & Anderson, C. A. (2012). Direct and indirect relations between the Big 5 personality traits and aggressive and violent behavior. *Personality and Individual Differences*, *52*, 870-875.  
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.01.029>
- Berkowitz, L. (1989). Frustration-aggression hypothesis: Examination and reformulation. *Psychological Bulletin*, *106*, 59-73.  
<https://doi.org/10.1037/0033-2909.106.1.59>
- Björkly, S. (2006). Psychological Theories of Aggression: Principles and Application to



- Practice. In: Richter, D., Whittington, R. (eds) *Violence in Mental Health Settings*. Springer. [https://doi.org/10.1007/978-0-387-33965-8\\_2](https://doi.org/10.1007/978-0-387-33965-8_2)
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory Factor Analysis for Applied Research*. The Guilford Press.
- Bryant, F. B., & Smith, B. D. (2001). Refining the architecture of aggression: A measurement model for the Buss–Perry Aggression Questionnaire. *Journal of Research in Personality, 35*, 138-167. <https://doi.org/10.1006/jrpe.2000.2302>
- Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology, 63*, 452-459. Retirado de <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.455.5915&rep=rep1&type=pdf>
- Bustamante, M. I., Capitão, C. G., Batista, M. A., Bartholomeu, D., & Montiel, J. M. (2016). Validade por estrutura interna da Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade. *Psicologia: Ciência e Profissão, 36*, 726-737. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001692016>
- Cavalcanti, J. G., & Pimentel, C. E. (2016). Personality and aggression: A contribution of the General Aggression Model. *Estudos de Psicologia (Campinas), 33*, 443-451. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000300008>
- Chalmers, R. P. (2012). mirt: A multidimensional item response theory package for the R environment. *Journal of Statistical Software, 48*, 1-29. <https://www.jstatsoft.org/article/view/v048i06>
- Clark, L. A., & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment, 7*, 309-319. <https://doi.org/10.1037/14805-012>
- Chester, D. S., & West, S. J. (2020). Trait aggression is primarily a facet of antagonism: Evidence from dominance, latent correlational, and item-level analyses. *Journal of Research in Personality, 89*, 104042. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2020.104042>
- Cruz, A. R., Pasion, R., Castro Rodrigues, A., Zabala, C., Ricarte, J., & Barbosa, F. (2019). Propriedades psicométricas da versão portuguesa da Escala de Agressão Impulsiva e Premeditada em amostras comunitárias e forenses. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy, 41*, 144-148. <https://doi.org/10.1590/2237-6089-2018-0055>
- Diamond, P. M., & Magaletta, P. R. (2006). The Short-Form Buss-Perry Aggression Questionnaire (BPAQ-SF). A validation study with federal offenders. *Assessment, 13*, 227-240. <https://doi.org/10.1177/1073191106287666>
- Dinić, B. M., & Wertag, A. (2018). Effects of Dark Triad and HEXACO traits on reactive/proactive aggression: Exploring the gender differences. *Personality and Individual Differences, 123*, 44-49. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.11.003>
- Dodge, K. A. (1980). Social cognition and children's aggressive behavior. *Child Development, 51*, 162-170. <https://doi.org/10.2307/1129603>
- Dollard, J., Miller, N. E., Doob, L. W., Mowrer, O. H., & Sears, R. R. (1939). *Frustration and aggression*. Yale University Press. <https://doi.org/10.1037/10022-002>
- García-Batista, Z. E., Moretti, L. S., Franco, P., Medrano, L. A., & Mustaca, A. E. (2022). Evidencias de validez y confiabilidad de las puntuaciones del Cuestionario de Agressividade (AQ) para adultos Argentinos. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica, 62*, 17-28. <https://doi.org/10.21865/RIDEP62.1.02>
- Gerevich, J., Bácskai, E., & Czobor, P. (2007). The generalizability of the Buss–Perry aggression questionnaire. *International Journal of Methods in Psychiatric Research, 16*, 124-136. <https://doi.org/10.1002/mpr.221>
- Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann Jr, W. B. (2003). A very brief measure of the Big-Five personality domains. *Journal of Research in Personality, 37*, 504-528. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(03\)00046-1](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(03)00046-1)
- Gouveia, V. V., Chaves, C. M. C. M., Peregrino, R. R., Branco, A. O. C., & Gonçalves, M. P. (2008). Medindo a agressão: O Questionário de Buss-Perry. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 60*, 92-103. Retirado de <https://www.redalyc.org/pdf/2290/229017563010.pdf>

- Gouveia, V. V., Monteiro, R. P., Gouveia, R. S. V., Athayde, R. A. A., & Cavalcanti, T. M. (2016). Avaliando o lado sombrio da personalidade: Evidências psicométricas do Dark Triad Dirty Dozen. *Interamerican Journal of Psychology*, *50*, 420-432.  
Retirado de <https://journal.sipsych.org/index.php/IJP/article/view/126/pdf>
- Harrell, W. A. (1980). Aggression by high school basketball players: An observational study of the effects of opponents' aggression and frustration-inducing factors. *International Journal of Sport Psychology*, *11*, 290-298.
- Hosie, J., Gilbert, F., Simpson, K., & Daffern, M. (2014). An examination of the relationship between personality and aggression using the general aggression and five factor models. *Aggressive Behavior*, *40*, 189-196.  
<https://doi.org/10.1002/ab.21510>
- Huesmann, L. R. (1986). Psychological processes promoting the relation between exposure to media violence and aggressive behavior by the viewer. *Journal of Social Issues*, *42*, 125-139.  
<https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1986.tb00246.x>
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2021). Atlas da Violência. Retirado de <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>
- Jonason, P. K., & Webster, G. D. (2010). The dirty dozen: A concise measure of the dark triad. *Psychological Assessment*, *22*, 420-432.  
<https://doi.org/10.1037/a0019265>
- Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2010). Different provocations trigger aggression in narcissists and psychopaths. *Social Psychological and Personality Science*, *1*, 12-18.  
<https://doi.org/10.1177/1948550609347591>
- Kline, R. B. (2016). *Principles and practice of structural equation modeling* (4ª ed.). Guilford Press.
- Knight, N. M., Dahlen, E. R., Bullock-Yowell, E., & Madson, M. B. (2018). The HEXACO model of personality and Dark Triad in relational aggression. *Personality and Individual Differences*, *122*, 109-114.  
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.10.016>
- Monteiro, R., Araújo, R., Monteiro, T., Carnahiba, A., Ataíde, E., & Silva, K. (2022). Cicatrizes da vitimização: Bullying sofrido na infância prediz saúde mental na adultez. *Revista Sul-Americana de Psicologia*, *10*, 189-204.  
<https://doi.org/10.29344/2318650X.1.3189>
- Monteiro, R. P., Coelho, G. L. D. H., Hanel, P. H., Medeiros, E. D., & da Silva, P. D. G. (2022). The efficient assessment of self-esteem: Proposing the Brief Rosenberg Self-Esteem Scale. *Applied Research in Quality of Life*, *17*, 931-947.  
<https://doi.org/10.1007/s11482-021-09936-4>
- Monteiro, R., Medeiros, E., Nascimento, B., Oliveira, T., & Gouveia, V. (2019). Evidências Psicométricas da Dula Dangerous Driving Index no Brasil. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, *1*, 35-44.  
<https://doi.org/10.21865/RIDEP50.1.03>
- Monteiro, R. P., Medeiros, E. D., Pimentel, C. E., Gouveia, R. S. V., & Gouveia, V. V. (2020). Valores sociais atenuam sintomas depressivos em vítimas de bullying. *Psico*, *51*, e29342-e29342.  
<https://doi.org/10.15448/1980-8623.2020.1.29342>
- Nunes, A., Limpo, T., Lima, C. F., & Castro, S. L. (2018). Short scales for the assessment of personality traits: Development and validation of the Portuguese Ten-Item Personality Inventory (TIPI). *Frontiers in Psychology*, *9*, 461. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00461>
- Pailing, A., Boon, J., & Egan, V. (2014). Personality, the Dark Triad and violence. *Personality and Individual Differences*, *67*, 81-86. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2013.11.018>
- Paiva, T. T., Pimentel, C. E., Bezerra de Menezes, T. D. S., Costa, A. C. R., Costa, D. D. G. C., & de Vasconcelos, M. H. V. (2020). Questionário de Agressão de Buss-Perry versão reduzida (QA-R): análises estruturais. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, *10*, 142-167.  
<https://doi.org/10.26864/PCS.v10.n3.7>
- Paulhus, D. L., Curtis, S. R., & Jones, D. N. (2018). Aggression as a trait: The Dark Tetrad alternative. *Current Opinion in Psychology*, *19*, 88-92.  
<https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.04.007>

- Pimentel, C. E., Ferreira, D. C. S., Vargas, M. M., Maynard, V. A. P., & Mendonça, D. C. (2014). Preferência por estilos de filmes e suas diferenças nos cinco fatores de personalidade. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 9, 232-244. Retirado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v9n2/09.pdf>
- Samejima, F. (1969). Estimation of latent ability using a response pattern of graded scores. *Psychometrika Monograph Supplement No. 17*. Psychometric Society.
- Tremblay, P. F., & Ewart, L. A. (2005). The Buss and Perry Aggression Questionnaire and its relations to values, the Big Five, provoking hypothetical situations, alcohol consumption patterns, and alcohol expectancies. *Personality and Individual Differences*, 38, 337-346. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2004.04.012>
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da testagem psicológica*. Artmed.
- Warburton, W. A., & Bushman, B. J. (2019). The competitive reaction time task: The development and scientific utility of a flexible laboratory aggression paradigm. *Aggressive Behavior*, 45, 389-396. <https://doi.org/10.1002/ab.21829>
- Webster, G. D., DeWall, C. N., Pond, R. S., Deckman, T., Jonason, P. K., Le, B. M., ... & Smith, C. V. (2014). The brief aggression questionnaire: Psychometric and behavioral evidence for an efficient measure of trait aggression. *Aggressive Behavior*, 40, 120-139. <https://doi.org/10.1002/ab.21507>
- Webster, G. D., DeWall, C. N., Pond Jr, R. S., Deckman, T., Jonason, P. K., Le, B. M., ... & Smith, C. V. (2015). The Brief Aggression Questionnaire: structure, validity, reliability, and generalizability. *Journal of Personality Assessment*, 97, 638-649. <https://doi.org/10.1080/00223891.2015.1044093>